

VOCÊ, SEUS PAIS, SEUS AVÓS E ANTES DELES...

GENOGRAMA, UMA VISÃO TRANSGERACIONAL DAS FAMÍLIAS

Claudia Cacau Furia Cesar¹

Estudar família hoje em dia, surge não só como uma necessidade de compreender melhor as diversas formas que elas se organizam, mas antes de tudo, é poder visualizar as varias lentes que podem ser utilizadas, em busca do entendimento e ampliação das conversações entre dos membros de uma família, incluindo os profissionais como membros transitórios deste sistema.

Ao estudarmos famílias além do aspecto histórico e sua rede social, podemos também considera-la na perspectiva transgeracional levando em conta que “o ciclo de vida familiar é um fenômeno complexo. Ele é uma espiral da evolução familiar, na medida em que as gerações avançam no tempo em seu desenvolvimento do nascimento à morte.” (McGoldrick). E considerando famílias como “uma unidade básica no processo socializador, as relações transgeracionais permitem apreender o movimento da transmissão, ou seja, sua dimensão temporal” (Vitale)

Cada geração cria a sua história, suas regras, seus legados e seus mandatos que costumam se perpetuar para as gerações seguintes e podem ou não ser adequados e/ou compatíveis com os novos tempos. Aquilo que foi transmitido pode ser re-significado, através da construção de novas narrativas, pelas novas gerações.

¹ CESAR, CACAU Claudia Furia, Enfermeira de Saúde Pública, Terapeuta de Família e Casal, membro da Equipe do ITFCCamp, Mestranda em Saúde Coletiva na Unicamp.
Texto ampliado do original “Genograma uma visão transgeracional das famílias”, de 2003, de Claudia Cacau Furia Cesar e Lucimara Martins Pereira - psicóloga, psicoterapeuta de crianças, adolescentes, adultos; Terapeuta Familiar Sistêmica, coordenadora do GEVIDA – Estudos em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes, especialista no atendimento a este fenômeno pelo LACRI/IPUSP.

O olhar transgeracional nos permite, ao “visitarmos” uma família, percebermos questões que permeiam os conflitos ou confrontos familiares que podem estar ligados a determinados aspectos dos legados.

Segundo Maria Amália F. Vitale, a partir de estudos ligados a famílias de classe média em São Paulo, ao longo do séc.XX, não é incomum pensarmos que conteúdos recebidos e transmitidos pelas gerações mais velhas podem ser agrupados em **legados de ordem**: que falam a respeito da responsabilidade, organização e educação; **legado de solidariedade**, que se referem ao amor, amizade, senso de justiça, colaboração e respeito; e **legado de fé**, que incluem a espiritualidade.(1995)

A geração do meio recebe a incumbência de transmitir para os seus filhos tais legados. Habitualmente acaba fazendo exatamente o oposto, podendo assim este grupo ser denominado como o “libertador das repressões”. Ainda segundo Vitale a geração do meio recebeu: **legados de repressão** que dizem respeito à contenção das expressões do afeto e do corpo; **legados de família**, que referem à importância da vida familiar, do casamento para este universo; e **legado de fé**, ou seja, religião. (1995)

Na geração mais jovem, embora se observe uma proximidade maior com a geração anterior, a do meio, ela também pode ser marcada pelo movimento de oposição à mesma. Os legados desta geração podem ainda ser os **legados de família** no que diz respeito ao casamento, mas não necessariamente com relação a convivência familiar, se desprendendo ao longo do cotidiano segundo as condições que a própria geração anterior proporciona. Um bom exemplo disto são as famílias que migram de uma vida rural para a urbana ou da cidade pequena para uma maior em busca de melhores condições de trabalho, saúde e educação. Podem manter os **legados de repressão** no que se referem ao tabu com o corpo e a repressão sexual, mas uma vez mais expostos a outras dinâmicas sociais,

escolas, clubes, festas e outros descobrem outros valores e facilmente entrarão em contato com uma situação inesperada e eventualmente conflitante. Já com relação aos **legados de fé** sua manutenção favorece a união da família, habitualmente, mesmo que alguns membros venham freqüentar espaços diferentes.

Ao pensarmos um encontro com as famílias, tomando como base estes conceitos e com isto incluir algumas reflexões focadas neste recorte:

- Quais são as regras e legados vigentes nas diversas gerações a família, uma vez que eles podem alterar-se no tempo e no espaço?
- De que forma a família lida ou lidou com as mudanças destes legados ao longo das gerações?
- E se os conflitos ou confrontos, ora apresentados, podem ser explicitados através desta visão transgeracional?

Uma forma dar visibilidade a esta conversação é a utilização do GENOGRAMA.

O GENOGRAMA, também conhecido como, Genetograma ou ainda como a Arvore Genealógica de uma pessoa e família, pode-se dizer que é uma forma de representar graficamente a composição de uma família, ao longo de duas ou mais gerações, ou seja, algo que fala da historia e padrões de uma família. Um bom exemplo de seu uso é nas consultas medicas, onde frente a uma determinada doença, busca-se saber quem mais na família apresenta tal enfermidade, apontando o seu viés hereditário.

O genograma pode ser algo mais, embora pareça ser simples, se olharmos apenas um aspecto, mas um dos principais objetivos de sua

realização é possibilitar uma (re) conexão com a família de origem de cada um, revendo ou resgatando histórias perdidas ao longo do tempo. E oferece um efeito especial quando realizado conjuntamente com ou mais membros da família junto com um profissional.

A inclusão dos aspectos relacionais, linhas de afinidade, de tensão, de intensa amorosidade, separações, recasamentos, favorecem o universo de possibilidades de interpretações e entendimentos da vida cotidiana. O mais importante é o processo de realização do genograma, na medida em que nos colocamos em contato com a história familiar, com suas crenças, mitos, repetições, mandatos, etc...

Existem algumas maneiras de iniciar e significar um genograma, tais dados quando explorados são colaborativos para abertura de novas conversações e conseqüentemente uma mudança de entendimento e postura frente a um evento, muitas vezes paralisante ou conflitante na família. O Genograma é como uma foto que foi tirado já algum tempo e que neste momento se revela, dando oportunidade de falar do momento que a "foto" foi tirada e que significado ela traz agora.

- Podemos começar um genograma a partir de qualquer fase do ciclo de vida – pelo membro em foco naquele encontro, seus pais, seus avôs, o critério é construído pelo próprio autor do Genograma;
- No casamento ele, mostra a união de duas famílias e a fase do ciclo de vida em que cada membro do casal se encontra;
- Numa família formada a partir de um recasamento, há pelo menos dois triângulos previsíveis – o novo casal e o(s) cônjuge(s) anterior(es) e filho(s) se estes existirem;

- O genograma pode revelar estressores na passagem de uma fase para outra. Quando vemos perdas ou eventos traumáticos coincidentes, devemos avaliar seus impactos no processo familiar;
- Após uma perda, o processo da fase do ciclo de vida pode paralisar-se ou apresentar distorções;
- Quando os filhos atingem a adolescência é provável que se desenvolvam triângulos, envolvendo, seus iguais, seus pais ou seus avós;
- Na fase tardia, o genograma poderá revelar qual o filho ficou/ficará como cuidador dos pais.

Apresentamos na **Figura I** um genograma no formato mais habitual. Ele pode ser feito com desenhos, figuras recortadas de revistas, fotos, e incluir as mais variadas informações, como: lugares de origem, profissões, características pessoais, gostos, comidas familiares, etc..

Ao acrescentar alguns dados sempre enriquecem o Genograma e num segundo momento, colabora para novas leituras. A idade pode ser colocada dentro do círculo ou quadrado, uma cruz pode representar o membro da família morto, é útil incluir o ano/idade deste membro.

E quando um casamento já foi desfeito, coloque este símbolo / representa a separação e // significa o divórcio, na linha que une o casal, anotando ao lado o ano da separação, e no caso dos filhos coloca-los com o cônjuge que permaneceu com os cuidados cotidianos. Na dúvida, anote a informação do modo que achar mais legível para que todos possam compreender e se necessário inclua uma legenda.

O uso do Genograma, nos atendimentos de casais e famílias, colabora no entendimento, muitas vezes da complementaridade de um com o do outro. Ou até mesmo aponta para diferenças significativas que

apesar de todos já a conhecerem, ao visualizá-la organizados, numa determinada “distância”, num formato (uso de cartaz ou lousa) de representação não habitual, permite conversações sobre as diferenças e semelhanças e o que desejam fazer com elas, para as gerações seguintes.

Não é incomum, ao fazer o genograma surgirem VAZIOS, dúvidas sobre a ordem de irmãos, sobre os casamentos, do fato de saber mais sobre um dos lados da família – o paterno ou o materno. O significado destes “vazios” ou dúvidas, podem proporcionar uma “ida” a família de origem, e abrirem outras possibilidades de entendimentos do que se vive no aqui e agora. O foco daquilo que era problema até então, pode ser dissolver, ao compreender que um aspecto se repete há muitas gerações e a importância de explorá-lo, nem tanto para confirmar o fato em si, mas para criar uma abertura e gerar negociações para modificar o pré-estabelecido. Ao reencontrar o “álbum de fotografia” até então no domínio de um ou de outro, temas proibidos podem sair da clandestinidade, segredos transformam-se em revelações, e comportamentos até então com causalidade desconhecida passam a ter sentido, e daí sim, se for o caso, transformados.

Construir o genograma de famílias com crianças e adolescentes, permite que inúmeras histórias dos familiares surjam, curiosidades apareçam. E principalmente, possibilita o lúdico na convivência familiar. Neste caso com as crianças, mas não só com elas, o uso de imagens pode facilitar a dinâmica incluindo-a ativamente no processo. Dando voz as suas dúvidas e tornando-a portadora e cuidadora de uma nova forma de contar a sua própria história.

Na **figura II**, há uma série de informações focadas na dinâmica do casal, onde as correlações ao longo da confecção do genograma de cada um dos membros foram possibilitando trocas e leituras até então não compartilhadas. Não que fossem segredos, ou situações impossibilitadas de serem contadas, mas ao longo dos anos, as pessoas acabam

esquecendo-se de dar importância a alguns eventos da sua vida e sua correlação com a família de origem. Como se na constituição de uma nova família, deixássemos no "maleiro" as memórias vividas: como mulheres/homens, como filho/as, como neto/as, ao construir o seu genograma, vamos tirando a poeira do tempo, colocando um colorido nas fotos, mesmo naquelas doloridas, e criando a possibilidade de construir um novo "mural" de fotos das suas vidas.

Podemos observar que em ambos os membros do casal ha uma forte ligação com os avos paternos, transformando-se num modelo para ambos do ideal de um casamento. Circunstancialmente os pais de ambos, apresentaram ao longo da vida um casamento com muitas crises e desentendimentos, sendo que no caso da mulher eles se separaram. O homem, como a mulher, apresenta um casamento anterior, com filhos, embora somente a filha da mulher conviva com o casal cotidianamente. O homem mantém visitas aos filhos, mas não há a convivência entre todos. No caso da família do homem todas as mulheres (mancha rosa) se casaram com o 1º namorado e o casamento é para sempre, inclusive no caso de tornar-se viúva, e ele foi o 1º a se separar. Fato este que não ocorre na família da mulher, que mantém os casamentos, mas deixam claro suas insatisfações caso ocorram, podendo acontecer à separação.

No caso deste casal, foi incluído a pergunta sobre o "dilema" atual antes de iniciar a confecção do genograma. E cada membro trouxe uma pergunta, que serviu como GUIA as demais perguntas da forma como eles se relacionavam. Foi incluído o LEMA da família, como outro condutor do operar e compreender as relações familiares. É interessante perceber que os lemas tinham um aspecto complementar e paradoxalmente se opunham.

Como foi a experiência de fazer o genograma?

O que perceberam sobre a relação conjugal de cada um (a), à partir do genograma?

Confeccionar um genograma é deixar ao dispor do sistema familiar um sem fim de perguntas para serem refletidas individualmente, como num caleidoscópio, que ao mínimo movimento nos mostra uma nova imagem. O uso do Genograma pode ocorrer em atendimentos individuais, de casais ou da família.

A interpretação dos resultados do desenho do Genograma surge na medida em que ele vai sendo traçado com o sistema familiar, incluir algumas idéias, podem ajudar como um GPS, mas não devem servir como único roteiro, uma vez que a riqueza do processo esta na autoria das reflexões pelos próprios membros participantes, incluindo o profissional facilitador. É importância destacar que não há uma explicação a priori, cada contexto sempre será único, pois a experiência é individual e intransferível. Isto fica bem claro, quando irmãos estão confeccionando juntos e trazem percepções diferentes sobre a aproximação ou distancia com os demais familiares, inclusive com respeito aos pais. Podendo apresentar posições radicalmente opostas neste sentido, e ambos estarão corretos, o ideal neste momento é justamente explorar as diferenças, dar voz e sentido para cada um e visualizar nas gerações anteriores se tal evento também ocorria e como e quais foram as possibilidades de entendimento do evento.

Buscar tanto a compreensão daquilo que se repete e justificaria o que é apontado no momento, é útil ao profissional ficar atento as pessoas e/ou situações atípicas, inusitadas que podem ser utilizadas como um potencial, uma saída esquecida pelos os vários membros envolvidos.

Ampliando as possibilidades da contribuição de um Genograma:

- ✓ Mudar o foco da conversação, especialmente nas situações conflitivas.
- ✓ Mudar os membros da família para um lugar de observador da relação;
- ✓ Pesquisar o mundo interno e da forma de interação das pessoas;
- ✓ Disparar lembranças;
- ✓ Explorar a história das relações familiares, do padrão de relação conjugal, dos mandatos, figuras de identificação e histórias que convergem e constroem uma versão única da história familiar;
- ✓ Identificar relações de dependência e co-dependência;
- ✓ Buscar outras perguntas, ampliando o olhar dos participantes para histórias paralelas que se correlacionem com o tema que trouxe o casal/família ao atendimento;
- ✓ Que os próprios familiares observem e pensem novas perguntas.
- ✓ Convidar os vários membros da família, a olharem o genograma a partir do TEMA daquele membro que conta a sua história, por exemplo: Escolha do momento certo para ter ou não filhos. Separar ou não e suas repercussões. Escolha profissional, dificuldades de relacionamentos entre pais e filhos, mudança de local de trabalho ou cidade. E outros
- ✓ Apontar e verificar junto aos participantes as correlações de eventos como separação, morte, surgimento de uma doença grave, mudanças inesperadas e outros eventos transversais às vidas das famílias ao evento vivido neste momento.
- ✓ Os vários membros elaboram perguntas, co-participando e aprendendo a construir, entender e relativizar a própria história.

O genograma parece ser num primeiro momento estático, ao fazer-lo focando uma criança de 7 anos, este apresentara' diferenças significativas quando realizado aos 21 anos. E mesmo utiliza-lo ao longo de um ano, o tema predominante num primeiro momento pode se transformar. As pessoas e as possíveis conversas entre os vários membros da própria família criam uma dança de possibilidades, de leituras sobre cada evento apresentado.

Assim a legenda de um genograma é própria e singular à aqueles que o “desenham”, importando pouco a padronização oficial, mas sim o sentido produzido nas diversas conversações por aqueles que estão mergulhados nele.

O genograma é um riquíssimo instrumento, para ser mentalizado e materializado, segundo a disponibilidade e criatividade de cada participante. Ele pode ser (re) ativado sempre que os interlocutores desejem, uma vez que muito de nossas crenças invisíveis aos nossos olhos, tornam-se presentes, prontos para dialogar com nossos dilemas do cotidiano.

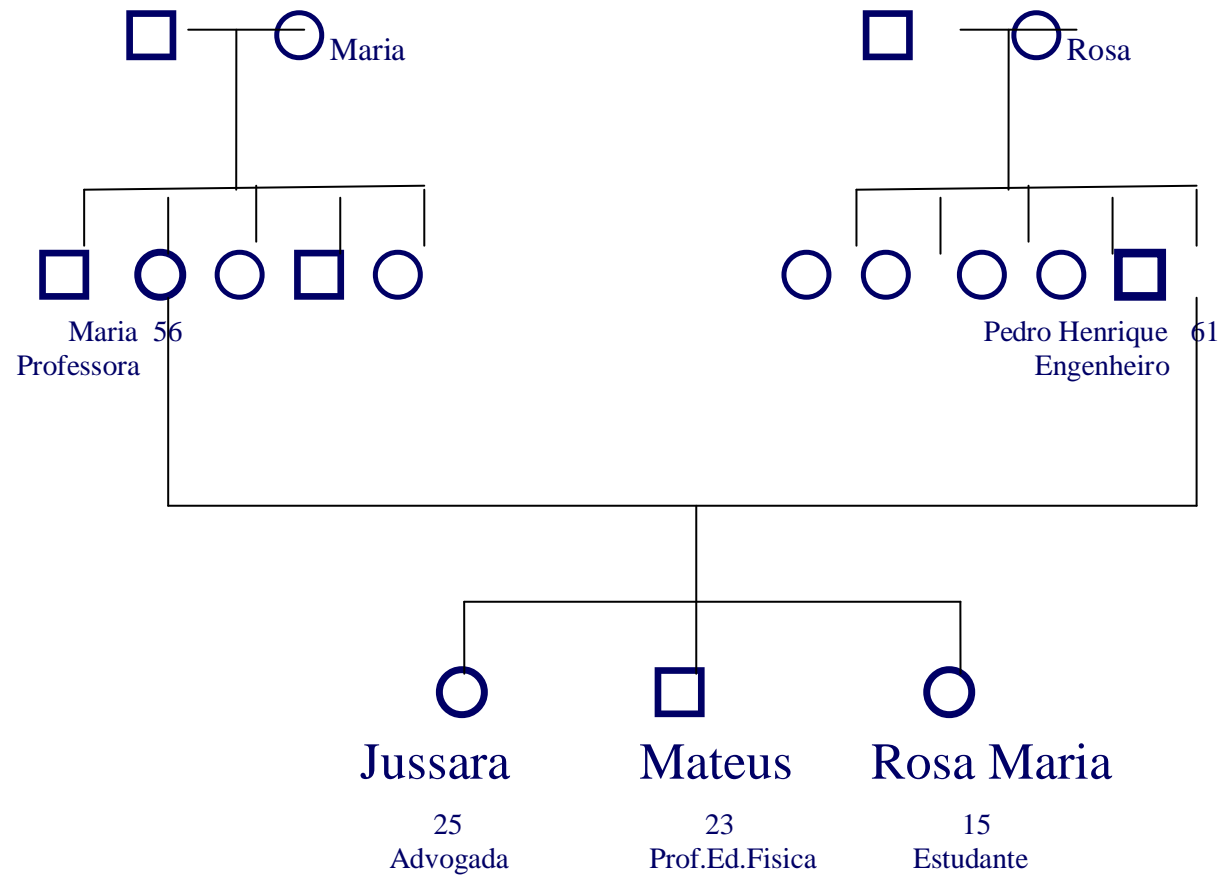
Inúmeros exercícios de perguntas podem ser criados a partir de um genograma. Perguntas entre os membros do genograma – do pai para o filho, da nora para a sogra, de uma avó para mãe da neta... Esta “dialogação” entre os vários membros, rendem inúmeras sessões, e muitas curiosidades que podem iniciar novas e interessantes conversas literais entre os membros de uma família.

Por isso sempre fica, qual é a próxima pergunta ao genograma?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. CARTER, Betty & McGOLDRICK, Mônica, & Col. “As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar - Uma Estrutura para a Terapia Familiar” - Porto Alegre - Artes Médicas - 2º Edição.
2. VITALE, Maria Amália Faller “As transformações da família: uma análise em três gerações”, APTF-SP, vol II, 1995.
3. CEBERIO, Marcelo R., “Quién soy y de donde vengo: el taller de gennograma”, Buenos Aires/Ar, Editorial Três Haches, 2004.

FIGURA I



LEGENDA:

□ homem

○ mulher

FIGURA II

